

2.13 • As Relações Internacionais em contexto de pandemia

COVID-19 | ÁFRICA PANDEMIA AGRAVA RECECESSÃO SUL-AFRICANA

António Mateus

Texto entregue em Janeiro de 2021

UMA QUEBRA CINCO VEZES MAIOR do que a crise de 2009, assim se compara a contração de mais de 50 por cento do produto interno bruto da economia mais industrializada do continente no segundo trimestre de 2020, em agravamento de um quadro de recessão já anterior à pandemia do novo coronavírus.

Na origem desta quebra acentuada o *Reserve Bank* (banco central sul-africano) identificava as fortes medidas de contenção implementadas no país com impacto acentuado na produção de bens e serviços, rendimentos e emprego.

Estatísticas globais do *Centro de Recursos de Coronavírus da Johns Hopkins University* situavam, no final de janeiro, a África do Sul como o país africano mais afectado, em número de casos da pandemia, e o décimo quinto a nível mundial, com cerca de milhão e meio de contágios.

Se à escala do continente essa leitura comparativa pode ser questionada pela inexistência e/ou fiabilidade das estatísticas, testes e diagnósticos relativos à pandemia, da maioria dos restantes países africanos, o mesmo já não se verifica quando transposta para o plano transcontinental.

A 2 de setembro, quando África ultrapassava no seu conjunto a barreira das 30 mil vítimas mortais do novo coronavírus e o total de infectados já excedia um milhão e 200 mil, só na África do Sul contabilizavam-se 13.308 mortes e 613.017 contágios (o sêxtuplo do segundo país africano mais atingido, o Egito).

A título indicativo, entre os países lusófonos africanos, Moçambique era, nessa altura, o que contabilizava o maior número de contágios, com 4.039 casos, seguido por Cabo Verde, com 3.970, Angola, 2.279, Guiné-Bissau, 2.205, e São Tomé e Príncipe, 896. Um ranking que diverge substancialmente quando o indicador de referência é o número de mortes atribuídas à COVID-19.

Angola surgia aqui à cabeça, com 109 casos fatais, seguido por Cabo Verde, com 40, Guiné-Bissau, 34, Moçambique, 23, e São Tomé e Príncipe, 15, divergências entre parâmetros que a Organização Mundial de Saúde admite possam derivar da exiguidade de recursos humanos e laboratoriais para identificação rigorosa das causas de mortes. No relatório anual do *Programa Alimentar Mundial* (PAM) “*Food Crises 2020*” Angola surgia ainda, a par da Nigéria, na linha vermelha de alertas internacionais associados à pandemia, por a enfrentar em tempos de quebra acentuada dos preços de crude, sua principal fonte de divisas.

“**Situação particularmente agravada durante o primeiro período de confinamento; período em que Pretória estima ter havido perdas diárias na ordem de 13 mil milhões de randes.**”

O PAM sublinhava que a pandemia ameaça vidas, fontes de subsistência e redes comerciais, de que depende, em África, a sobrevivência de dezenas de milhão de pessoas, e expõe países com grandes níveis de endividamento, sem meios para recorrer a novos empréstimos ou onde o serviço das dívidas já contraídas se revela incombustível.

Outro indicador a ter em conta neste quadro, é a elevada percentagem da população africana urbana dependente de jornas (receitas diárias) e empregada nos sectores informal e de serviços,

particularmente atingidos pelas restrições do confinamento, em termos de perdas diretas de rendimentos.

Inicialmente elogiada, por ter sido, a 27 de março, dos primeiros países a aplicar medidas abrangentes de combate à pandemia, a África do Sul voltou a ser destaque global, agora pela negativa, quando os números de contágios e de vítimas mortais dispararam após o alívio daquelas, em maio, particularmente nas províncias de Gauteng e do Cabo Ocidental, as mais povoadas do país. O maior produtor mundial de platina e crómio (e um dos principais de ouro e diamantes) reduziu a metade a sua produção mineira durante o confinamento mas já tinha entrado em recessão desde o último quadrimestre de 2019, devido a uma série de factores conjunturais.

Mesmo em Gauteng, a província com maior produto interno bruto da África do Sul e onde reside a esmagadora maioria da comunidade lusófona naquele país, 16 por cento dos respectivos 12 milhões de habitantes já precisavam de ajuda alimentar antes da pandemia.

A situação viu-se particularmente agravada durante o primeiro período de confinamento, período em que Pretória estima ter havido perdas diárias na ordem de 13 mil milhões de randes. Perante um défice orçamental significativo, desemprego elevado, empresas públicas em colapso e uma quebra acentuada das receitas fiscais questiona-se de onde virão os fundos necessários à gestão e relançamento da economia do país.

A título ilustrativo do impacto da pandemia sobre a economia sul-africana (ver gráfico) – comparando as prestações do segundo trimestre de 2020 com as de 2019 – o sector agrícola (o mais industrializado do continente) foi a única excepção a um quadro recessivo generalizado, com a Construção Civil, Manufatura e Minas a registarem quebras de mais de 70 por cento.

Já ao nível dos lares sul-africanos e ainda com base em dados do Instituto de Estatísticas da África do Sul (ver gráfico), a variação de consumos (antes e depois de pandemia) – e também aqui comparando os segundos trimestres de 2020 e 2019 – a quebra acentuada é quase total em sectores como a hotelaria e restauração (99,9%) e cresce apenas com algum relevo (3,6%) no das comunicações.

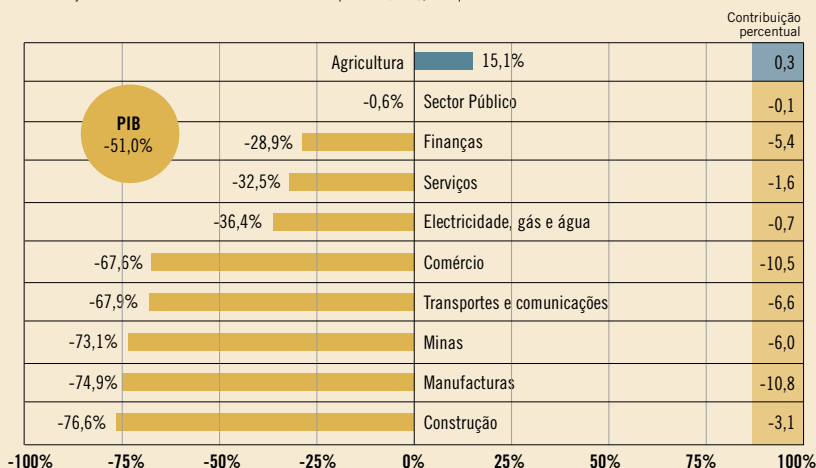
À escala continental e regional, o *Internacional Food Policy Research Institute* estima que a pandemia agrave em 20 por cento os níveis de pobreza mundial, afundando abaixo desta linha 147 milhões de pessoas adicionais, mais de metade (79 milhões) na África subsaariana, uma região onde, já antes da COVID-19, uma em cada cinco sofria de fome.

Num cenário onde a África do Sul e a Nigéria, as duas maiores economias de África, registaram

NOVE SECTORES REGISTRARAM UMA CONTRAÇÃO NO 2º TRIMESTRE DE 2020

Crescimento da indústria no segundo trimestre de 2020 em comparação com o primeiro trimestre do mesmo ano.

Sazonalmente ajustado e anualizado. Fonte: Gross domestic product (GDP), 2º quarter 2020.



quebras de cerca de um terço dos respetivos Produtos Internos Brutos, no primeiro quadrimestre deste ano, milhões de comerciantes e artesãos do sector informal (que formam 85 por cento dos empregos no continente) figuram na primeira linha de risco de perda de subsistência.

Ao nível das principais instituições financeiras, o FMI aceitou perdoar seis meses de serviços das dívidas dos 25 países mais pobres (entre eles Moçambique, Guiné-Bissau e São Tomé e Príncipe) mas não o cancelamento das mesmas, matéria onde a China, o principal credor do continente, finalizou no âmbito dos G-20 um acordo de pagamento diferido.

A chamada *Debt Service Suspension Initiative* permitirá aos países mais pobres que solicitaram a Pequim a reestruturação das respetivas dívidas – para poderem enfrentar os efeitos da pandemia – suspender até ao final do ano o pagamento dos respetivos serviços uma vez satisfeitos uma série de critérios definidos pela China.

Angola (o país africano com maior dívida a Pequim) e Moçambique, cujos serviços de dívida à China representam 3,1 por cento e 2 por cento dos respetivos Produtos Internos Brutos destacam-se entre os potenciais maiores beneficiários dessa iniciativa.

O *Financial Times* precisava a 30 de agosto que a dívida externa soberana de Angola ascendia, nessa data, a 49 mil milhões de dólares, quase metade dos quais (45 por cento) devidos por Luanda a Pequim.

E, se o impacto financeiro e social da pandemia exige intervenções inovadoras e a uma escala sem precedentes, o mesmo se verifica ao nível dos sistemas de saúde.

No seu relatório mais recente (até à data deste paper) a *Organização Mundial de Saúde* identificava a 20 de outubro de 2020¹ um total cumulativo de 1 262 476 casos de COVID-19 em África, mais de metade dos quais (56%) registados na África do Sul (706 304).

No respeitante a fatalidades atribuídas à pandemia, vincava que também aqui a África do Sul se

destacava pela negativa a nível continental, com 65 % (18 656) do total de mortes derivadas da COVID-19 em África, seguida pela Argélia 6.6% (1 873), Etiópia 4.8% (1 371), Nigéria 4.0% (1 125), Quênia 3.0% (842), Camarões 1.5% (425), Zâmbia 1.2% (346), Senegal 1.1% (320), Gana 1.1% (310), República Democrática do Congo 1.1% (303) e Angola 0.9% (251).

“**Tal como no caso da SIDA, nos anos 80 e 90, da real dimensão sanitária do novo coronavírus em África é apenas possível vislumbrar uma ponta do iceberg.**”

Um cenário que tende a agravar-se se a pandemia não for contida. E tornar-se uma realidade presente nos próximos anos a menos que sejam tomadas medidas pró-ativas de identificação, isolamento e tratamento.

Para já, o cenário nesta frente diverge consideravelmente do recomendado, com o número de testes no continente a ficar muito àquém do desejável, incluindo na África do Sul, de longe o país com o maior número de testes por mil habitantes, 62,4 (contra 201,88, por exemplo, em Portugal), segundo dados compilados pelo “*Our World In Data*”.

Ainda de acordo com a mesma fonte, se a África do Sul lidera em número de testes efectuados e expectavelmente, de resultados positivos dos mesmos, menos previsível seria que em termos percentuais fosse também, de longe, o mais atingido pela pandemia, com cerca de 12,3 por cento de testes positivos, seguido pela República Democrática do Congo, com 11,9 e o Gana, 8,6, sendo que apenas 12 países africanos apresentaram à OMS dados atualizados de testagem.

A OMS alerta, por isso, que o cenário da pandemia em África possa ser bem mais grave do que o traduzido nas estatísticas globais e mesmo o agravamento da percentagem de casos confirmados, de 2,8 no início de junho, para 5 por cento em meados de julho, seja um quadro redutor da realidade.

O Africa CDC (*Centres for Disease Control and Prevention*) sublinha, nesse quadro de apreensão, que 75 por cento dos casos de contágio confirmados no continente dizem respeito apenas a cinco dos países africanos.

E se o menor índice de mortalidade atribuído em África à COVID-19 (comparativamente aos valores dos restantes continentes) possa derivar da média etária baixa da respetiva população, o facto é que o número de mortes por causas não especificadas no continente aumentou consideravelmente no segundo e terceiro trimestres deste ano.

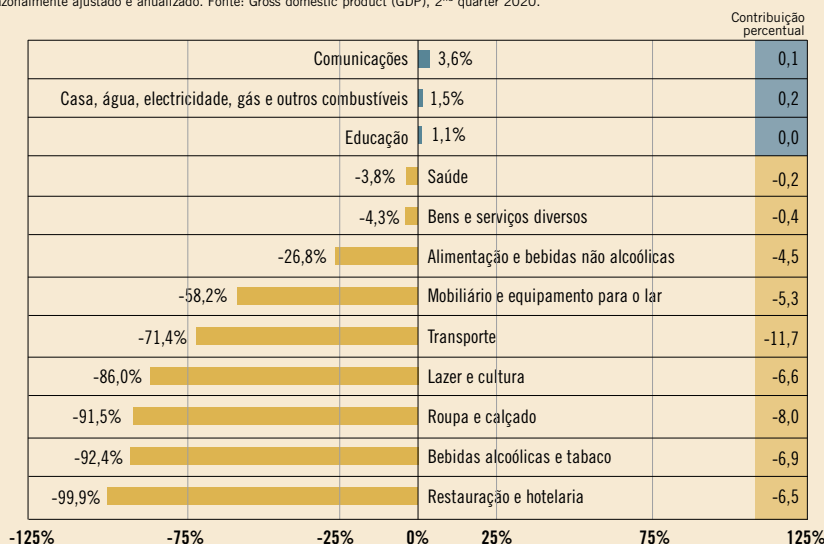
Tal como no caso da SIDA, nos anos 80 e 90, da real dimensão sanitária do novo coronavírus em África é apenas possível vislumbrar uma ponta do iceberg. Paradoxalmente (ou não), os países com maiores recursos clínicos e meios de diagnóstico do continente são os que aparentam ser os mais atingidos.

E se a larga maioria dos países africanos não apresenta, de todo, dados atualizados sobre o evoluir da pandemia, entre os que o fazem, o rol de aparentemente “poupados” à COVID-19 é dominado pelos com menores recursos clínicos (disponíveis ou afetados à pandemia) e/ou serviços de saúde mais frágeis do continente.

Para intervir de forma adequada a um desafio com tal nível de complexidade exige-se um diagnóstico rigoroso das variáveis em causa, particularmente as respeitantes à evolução do contágio, mortes e curas do novo coronavírus, requisito muito longe de ser vislumbrável à escala continental, em África. ■

DESPESAS DAS FAMÍLIAS CAÍRAM NA MAIOR PARTE DOS SECTORES NO 2º TRIMESTRE DE 2020

Alterações na estrutura de consumo das famílias no 2º Trimestre de 2020 em comparação com o 1º Trimestre do mesmo ano. Sazonalmente ajustado e anualizado. Fonte: Gross domestic product (GDP), 2º quarter 2020.



Nota

¹ External Situation Report 34, COVID-19 Situation Update for the WHO African Region, 21 October 2020